



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

DIEGO ALVES EDUARDO

“CARTAS NA MESA”: DEBATES SOBRE AS HOMOSSEXUALIDADES E SUAS
REPRESENTAÇÕES NO PERIÓDICO LAMPIÃO DA ESQUINA (1978 – 1979)

BRASÍLIA, DF

2021

DIEGO ALVES EDUARDO

**“CARTAS NA MESA”: DEBATES SOBRE AS HOMOSSEXUALIDADES E SUAS
REPRESENTAÇÕES NO PERIÓDICO LAMPIÃO DA ESQUINA (1978 – 1979)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em História

Orientador: Prof. Dr. Mateus Gamba Torres

MEMBROS DA BANCA AVALIADORA:

Prof. Dr. Mateus Gamba Torres (Orientador)

Prof. Dra. Eloísa Pereira Barroso

Prof. Mateus Henrique Siqueira Gonçalves

BRASÍLIA, DF

2021

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar e compreender como se dava a busca por representação e identidade por parte da comunidade homossexual brasileira durante os últimos anos da ditadura civil-militar no Brasil, a partir de discursos produzidos por parte de membros desta comunidade. Para tanto, foram analisadas as cartas enviadas pelo público ao jornal *Lampião da Esquina*, reconhecido periódico da imprensa independente e voltado para a comunidade homossexual, e publicadas na sessão *Cartas na Mesa*, levando em consideração o recorte referente ao primeiro ano do jornal (1978-1979). Por fim, percebeu-se a forma diversa como essa busca por representação acontece, assim como as desigualdades existentes dentro da própria comunidade por conta de especificidades no contexto político e social que marca a realidade de gays, lésbicas e travestis.

Palavras-chave: Homossexualidades; Representação; Identidade; *Lampião*; *Cartas na Mesa*

ABSTRACT

This monograph aims to analyze and understand how the search for representation and identity by the Brazilian homosexual community took place during the last years of the civil-military dictatorship in Brazil, based on speeches produced by members of this community. For this purpose, the letters sent by the public to the newspaper *Lampião da Esquina*, a recognized periodical of the independent press and aimed at the homosexual community, and published in the section *Cartas na Mesa*, were analyzed taking into account only the first year of the newspaper (1978- 1979). Finally, it was noticed the diverse way in which this search for representation happens, as well as the inequalities existing within the community itself due to specificities in the political and social context that mark the reality of gays, lesbians, and transvestites.

Key-words: Homosexualities;Representation; Identity; *Lampião*; *Cartas na Mesa*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Símbolo do Lampião da Esquina.....	15
Figura 2 – Capa da edição número 4 do Lampião da Esquina.....	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1 - A HOMOSSEXUALIDADE PRESENTE NOS DEBATES.....	11
1.1 “Nós “heróis” e “arautos””: Cartas na mesa e o seu contato com a comunidade.....	11
1.2 “Qual é a tua, oh Lampião?”: A comunidade sabe o quer.....	15
1.3 “Uma questão de linguagem”: Identidades gay em pauta.....	19
CAPÍTULO 2 – O DEBATE PRESENTE NAS AUSÊNCIAS.....	24
2.1 “A voz da mulher”: Elas também querem seu espaço.....	24
2.2 A ausência escreve.....	29
CONSIDERÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como enfoque analisar uma busca por identidade por parte de pessoas que não se enquadravam em uma normativa de gênero e sexualidade em um contexto ditatorial no Brasil. A partir da análise do primeiro ano de publicação da seção chamada “Cartas na Mesa” do jornal “Lampião da esquina” e a conjuntura em que foi criado, pretende-se verificar a relação do contexto político, social e cultural em que a comunidade homossexual brasileira, entre 1978 e 1979, está inserida e as formas como a mesma se enxerga e prefere ser representada

A escolha do recorte temporal acontece, primeiramente, pelas particularidades geradas pela ditadura no Brasil no que diz respeito à vivência de gays, lésbicas e travestis dentro da sociedade. A não aceitação de pessoas que não se adequam à heteronormatividade é uma constante na sociedade brasileira, pelo menos, desde o Brasil Império (James Green, 2006). O que chama atenção no período a ser trabalhado é o tratamento do governo militar e dos movimentos de esquerda que ganham espaço durante esses anos para com a população homossexual

O aparato repressivo criado durante a ditadura contou com um braço moral. Neste sentido, houve também a criação de aparelhos de repressão contra sexualidades consideradas “perversas” ou “desviantes”, normalizando a perseguição de travestis, lésbicas, gays e qualquer outros que fugissem da imagem de postura moral pregada por um estado militar e cristão (QUINALHA, 2017). Para além disso, é preciso entender que a população homossexual não recebia apoio das esquerdas, nem suas pautas recebiam espaço de discussão. Tais movimentos evitavam debates que fugiam das questões relativas à luta operária, além de, em grande medida, reproduzir os preconceitos comuns à sociedade da época.

Esse conjunto de fatores causa marcas diretas no modo de vida da população homossexual brasileira, sendo o aprofundamento da marginalização e o aumento no número de “guetos”¹ voltados para a comunidade alguns deles. Parte do objetivo deste trabalho é analisar os efeitos dessa conjuntura nos discursos produzidos por gays, lésbicas e travestis no que diz respeito às homossexualidades² e suas formas de representação.

¹ “Gueto” se refere ao conjunto de espaços e estabelecimentos que oferecem um mercado especificamente voltado para a população homossexual. SOUZA, Rafael de. “Saindo do gueto”: o Movimento Homossexual no Brasil da abertura, 1978-1982. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 114. 2013

² A escolha pelo uso dos termos Homossexualidades e comunidade homossexual se dá pela forma como esses atores sociais se chamavam na época. Além disso, até o início da década de 1990 todas as formas de sexualidades e gêneros não heteronormativos eram colocados sob a alcunha “homossexualidades” QUINALHA, Renan Honorio. Contra a

Ao pensar em representação partimos da ideia de que ela está intimamente relacionada com o imaginário construído através de relações sociais, culturais e políticas (Pesavento, 2006). Entender a conexão do contexto com esse imaginário e o conteúdo expresso no discurso da população homossexual sobre o lugar das homossexualidades na sociedade é parte do processo de compreender como se daria essa busca por pertencimento.

Ainda nesse sentido, Foucault pensa o discurso como um sistema de representação, através do qual é possível analisar como pessoas se entendem culturalmente e de que forma são produzidos os conhecimentos sobre “o social, o indivíduo a ele incorporado e os sentidos compartilhados” (Foucault, 1970). É a partir dessa premissa que se dá a escolha de utilizar uma fonte que nos permita observar discursos produzidos por parte da população homossexual a fim de compreender sua percepção cultural e reconhecimento do espaço social que ocupam, assim como seus questionamentos e reivindicações no que tange essa comunidade.

Pensando nisso, os objetivos específicos desta monografia procuram identificar e verticalizar as representações expressas nos discursos das homossexualidades: Precisar quais os grupos mais expressivos na busca por representação e quais os motivos de tal predominância, levando em conta os limites imposto pelas fontes que, nesse caso, são representados pelas decisões tomadas pelo conselho editorial do *Lampião*, formado por homens gays, sobre o que ganharia espaço nas páginas do jornal. Determinar o posicionamento da comunidade e movimento homossexual em relação ao governo militar, assim como em relação aos movimentos de esquerda; identificar como se davam as relações dentro da própria comunidade levando em consideração às diferenças que são marcadas entre gays, lésbicas e travestis.

Por fim, a partir de uma primeira análise, como diz Regina Facchini, tal tema pode parecer unicamente ligado a questões de cunho privado ou a um grupo considerado uma minoria social muito específica. Contudo, é um assunto diretamente ligado a formação social, política e cultural, incidindo em questões como família, relacionamentos, identidade e pertencimento dentro da sociedade, mas fora da heteronormatividade vigente

Neste sentido, foi feita a escolha de analisar uma fonte que nos permitisse uma aproximação dessa comunidade com o intuito de melhor compreender seus discursos. O *Lampião da Esquina*³

moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). 2017. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, p.15. 2017

³ Todas as edições do *Lampião da Esquina* podem ser encontradas em formato digital no site do Grupo Dignidade (<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>)

integrou a conhecida imprensa alternativa, pois não fazia parte da grande mídia e apresentava abertamente temas considerados de cunho subversivo que iam além da comunidade homossexual, como o movimento feminista e o movimento negro. Se enquadra, também, no movimento de oposição à ditadura civil-militar brasileira, vociferando críticas ao estado e à censura, defendendo a anistia e se expressando a favor do retorno dos que haviam sido expulsos do país.

Desde sua edição nº0, a desconstrução de estereótipos pejorativos, a denúncia de perseguições e a saída do “gueto” foram apresentados pelo conselho editorial do *Lampião* como os principais objetivos do jornal, assim como a construção de um projeto interseccional que agregasse outros grupos marginalizados pela sociedade, como o movimento negro, o movimento indígena e o movimento feminista. O *Lampião* não foi o primeiro membro da imprensa alternativa voltado para a comunidade homossexual, contudo, seu alcance deu a ele uma posição de destaque na história do movimento. Em seu lançamento o periódico alcançava apenas o Rio de Janeiro, mas, ao fim do primeiro ano de publicação, o *Lampião* já alcançava mais de doze estados brasileiros, o que ultrapassava seus antecessores, como o reconhecido *O Snob*. (Schultz; Barros, 2011). Esses fatores contribuem para o interesse na seção do periódico dedicada a comunicação com o público leitor

Cartas na Mesa é a seção do periódico onde foram publicadas e respondidas cartas enviadas pelo público que acompanhava o jornal com opiniões, sugestões, etc. Focar nessas cartas é uma forma de atingir nosso objetivo proposto analisando discursos gerados por parte da própria comunidade homossexual. Sendo uma das seções mais populares do jornal, o conteúdo das correspondências enviadas ao *Cartas na Mesa* é bastante variado. Através de uma análise inicial da fonte encontramos cartas de agradecimentos pela visibilidade de determinados temas, exigências de correção em relação a forma como a imagem de gays foi retratada, questionamentos sobre a presença das mulheres na produção do jornal, pedidos de emprego, etc.

Com isso em mente, a análise das cartas do público leitor do *Lampião* nos possibilita uma visão mais aprofundada das ideias e comportamentos dentro da comunidade. Talvez seja possível obter uma compreensão maior das continuidades e mudanças no que tange às questões de gênero e sexualidade para a comunidade homossexual em um período de transição como foram os últimos anos de governo militar no Brasil, assim como os preconceitos que marcam algumas das relações dentro do próprio movimento homossexual.

O desenvolvimento do quadro teórico metodológico é marcado por leituras que possibilitam a verticalização do conhecimento necessário para o desenvolvimento desta pesquisa. Sendo assim,

este trabalho terá como referencial teórico autores como Roger Chartier (1988), Sandra Jatahy Pesavento (2006) e Stuart Hall (2016), através dos quais é pretendido aprofundar o conhecimento no que diz respeito ao conceito de representação e sua relação com o imaginário, cultura e as diferentes formas em que as mesmas são expressas por determinados grupos dentro da sociedade. Para além disso, será utilizado, também, o trabalho de Michel Foucault (1971) para a compreensão do papel do discurso e como este se correlaciona com a representação e a busca por espaço na sociedade.

Devido a temática do trabalho, também se faz necessário o conhecimento a respeito do histórico das homossexualidades durante o período ditatorial no Brasil, para tanto, serão utilizados como referência autores que contribuíram extensivamente com a produção historiográfica pertinente ao assunto. Entre estes autores estão James Green (1999; 2006), responsável por trabalhos que analisam a história da homossexualidade brasileira, principalmente a masculina, explicitando as permanências e mudanças que acompanham essa parcela da população; Regina Facchini(2009), que analisa historicamente o trajeto do movimento homossexual brasileiro, assim como as mudanças e rupturas que marcam a formação do movimento LGBTQIA+ da forma que conhecemos hoje; Renan Honório Quinalha(2017), responsável por esquadrihar o tratamento dos aparatos de repressão da ditadura em relação a população homossexual e instrumentos de luta dessa comunidade contra a imposição de um ideal de moral; Alexandre Magno Maciel(2016), que traz um significativo estudo sobre as reportagens do jornal Lampião da Esquina, seu papel como imprensa alternativa voltada para um público homossexual e exposição das violências sofridas por essa comunidade.

No que diz respeito ao trato da fonte, a proposta é fazer uma leitura das cartas publicadas na seção Cartas na Mesa durante as treze primeiras edições do Lampião da Esquina a fim de separar aquelas que tratam de assuntos mais específicos. O primeiro objetivo é identificar o público efetivamente atingido pelas publicações do jornal, assim como aqueles que se sentem à vontade para expressar seus pensamentos através destas cartas. Em segundo lugar será feito um levantamento dos assuntos abordados com mais frequência, buscando analisar os tipos de discurso mais utilizados pelo público com ênfase nas formas de representação apresentadas e defendidas nessas cartas. Serão observados, também, os exemplos de como se relacionavam os membros da comunidade entre si levando em consideração as diferenças que marcam a vivência de gays, lésbicas e travestis. Através da análise mais aprofundada do material separado e da comparação

com a produção historiográfica pertinente, pretende-se compreender melhor como se davam os debates a respeito de identidade e representação dentro da comunidade homossexual no Brasil durante a ditadura civil militar.

Neste sentido, o primeiro capítulo terá como enfoque o que se mostra mais presente nas cartas analisadas, dando ênfase para a recepção do periódico pela comunidade, assim como a apropriação dos espaços do projeto pelos debates referentes a homossexualidade masculina. Em seguida, o segundo capítulo se voltará para os níveis de ausência que permeiam as páginas do Cartas na Mesa, a partir de uma análise das formas como as mulheres e as travestis aparecem nessas cartas, colocando em foco as realidades específicas da comunidade lésbica e da travestilidade daquele período.

CAPÍTULO 1 – A HOMOSSEXUALIDADE PRESENTE NOS DEBATES

1.1 “NÓS: “HERÓIS” E “ARAUTOS””: CARTAS NA MESA E O SEU CONTATO COM A COMUNIDADE

As duas correspondências que inauguram a seção Cartas na Mesa na edição zero do *Lampião da Esquina* se mostram muito significativas ao tratar de anseios comuns aos diversos membros da comunidade, assim como podem ser representativos da realidade de outros grupos sociais minorizados referentes àquele período. A primeira, “Nos Becos Escuros”⁴, é assinada por uma pessoa identificada apenas como Jenifer e escrevendo do Rio de Janeiro com o intuito de fazer uma denúncia a respeito do comportamento policial em relação a comunidade homossexual. Jenifer começa relatando como não quis perder a oportunidade de ter sua carta publicada pelo *Lampião* quando soube da importância que o jornal daria para a comunicação com a população e aproveitou para fazer sua queixa em relação à forma como os policiais costumavam fazer rondas e subornar os frequentadores de um bar gay chamado “Buraco da Maísa” para que estes não saíssem de lá presos.

Esse tipo de ação policial é muito presente na história do seu relacionamento com a comunidade LGBTQIA+, tendo como exemplo internacional as batidas que levaram a Revolta de Stonewall⁵, e se fez uma realidade persistente durante os anos de formação do movimento homossexual brasileiro e que ganhou ainda mais força durante o período de ditadura com as leis impostas que buscavam defender a ideia de um Brasil moral. Ao analisar o surgimento do movimento LGBTQIA+ no Brasil, Quinalha (2017) defende que, apesar do momento de emergência de grupos formados por gays, lésbicas e travestis por toda a América Latina a repressão impediu que o mesmo acontecesse por aqui. Segundo o autor, o Brasil apresentava plenas condições para o surgimento e fortalecimentos desse grupo, mas a repressão e a retirada de direitos que seguiram o AI-5 se mostraram um grande obstáculo para esse desenvolvimento, atrasando em aproximadamente dez anos o movimento LGBTQIA+ brasileiro.

⁴ LAMPIÃO da Esquina, n.0, abril de 1978, p.14

⁵ Revolta ocorrida no dia 28 de junho de 1969, no Stonewall Inn, localizado no bairro *Greenwich Village*, na cidade de Nova York, comandado por membros da comunidade LGBTQAI+, em especial pessoas trans, travestis e negras, contra a repressão policial sofrida pela comunidade com frequência naquele espaço. QUINALHA, Renan Honório. **O mito Fundador**. Revista Cult [S.I.], 2019. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-mito-fundador-de-stonewall/>>

Ainda neste sentido, Green (2019) aponta que o reforço na repressão e na perseguição de pessoas e a cassação de direitos ampliou a busca de gays, lésbicas e travestis por formas alternativas de convívio e por espaços onde pudessem expressar a sua realidade em segurança, causando um afastamento da política e grupos de luta. Isso significa que a ampliação da presença militar nas ruas e o fim do Estado de direito criam uma realidade ainda mais hostil em relação a grupos que já são marginalizados e não se adequam aos padrões heteronormativos da sociedade, como é o caso da comunidade homossexual. O resultado acaba por ser um aumento do número de guetos espalhados pelas cidades onde a vida das homossexualidades continua seguindo de forma escondida e afastada de movimentos de luta, dando prioridade a vivência e sobrevivência em um período muito mais perigoso da comunidade homossexual do Brasil no final da década de 1960.

Isso não significa dizer que não aconteceu nenhum tipo de movimentação por parte dos grupos homossexuais durante os anos de ditadura, significa apenas que uma organização mais acentuada se provou quase uma impossibilidade até o início da abertura política no Brasil. Como defendido por Green (2019), uma série de dificuldades e conflitos, como problemas econômicos e o constante protesto de estudantes e figuras políticas, levaram os militares no poder a dar início a um processo de liberação política gradual que acabou sendo ainda mais acelerado por conta de variadas ondas de protestos e levantes de grupos da população, criando mais abertura para que movimentos de grupos marginalizados se fortalecessem.

Nesse efervescente período de aberturas políticas graduais, surgiram novos movimentos sociais, com destaque para (i) o Movimento Negro Unificado, que questionava a representação tradicional do Brasil como democracia racial; (ii) um movimento feminista, que confrontou o sexismo tanto da esquerda ortodoxa quanto da sociedade brasileira em geral; e (iii) um movimento pelos direitos de lésbicas e gays. (GREEN, 2019)

Ou seja, foi a partir desse momento de abertura política que o movimento homossexual começou a ganhar mais espaço e força e a se desenvolver de forma consistente no Brasil, em conjunto com outros movimentos, como o negro e o feminista, com um misto de referências advindas tanto do norte quanto da América Latina.

Dito isso, é preciso frisar que, apesar das dificuldades impostas pelo contexto político brasileiro, essas tentativas de movimentação e formação de grupos de sociabilidade vem acontecendo desde a década de 1950 no país. A autora Regina Facchini (2006) demonstra em seu trabalho que desde a segunda metade do século XX já é possível encontrar grupos que buscavam promover espaços de socialização, diversão e expressão para gays, lésbicas e travestis, em sua

maioria voltadas para homens, a fim de criar locais seguros longe do meio heteronormativo. Além disso, a autora ressalta também, que foram publicados panfletos e jornais alternativos voltados para a comunidade homossexual, como *O Snob* e o próprio *Lampião da Esquina*, com o intuito de discutir questões que envolviam as homossexualidades, tratando desde o cotidiano até debates sobre o que define a identidade homossexual no país. Facchini aponta, também, que os focos de politização que surgiram nesse período se tratavam de uma contraposição ao comportamento reproduzido nos “guetos homossexuais”, considerado pelos militantes da época, como despolitizado e, de certa forma, reforçadora dos estereótipos negativos para a comunidade, ou seja, os primeiros passos do que veio a ser o movimento LGBTQIA+ brasileiro foram marcados por disputas sobre o que seria a verdadeira identidade homossexual e quais seriam as melhores formas de se lutar por espaços e direitos.

A segunda carta em questão, com o nome de “Pintou o Bode”⁶ foi enviada por um jovem de 17 anos de idade, residente da cidade do Recife, em Pernambuco. No caso dele não há uma identificação nominal, apenas o relato de um garoto sobre a forma que é tratado por sua família, sendo rejeitado como se sua orientação sexual fosse uma doença, e os assédios que sofre na rua, assim como o sentimento de solidão que o acompanha. Segundo o próprio leitor, a iniciativa de enviar a carta veio depois de encontrar um panfleto tratando da proposta do futuro jornal a ser lançado e viu ali uma oportunidade de se comunicar e talvez pedir algum tipo de apoio. A resposta do editorial talvez não tenha sido muito condizente com essa esperança do leitor ao apresentar um texto com um tom mais crítico ao conteúdo da carta, defendendo que o jornal não seria um local apenas para lamentações, o que pode ser interpretado como um posicionamento de indiferença em relação a uma temática séria e tão comum dentre as homossexualidades. Contudo, a questão é que o caso deste leitor anônimo não é estranho a grande parte da comunidade homossexual que precisa lidar constantemente com a rejeição dos mais próximos, assim como daqueles exteriores a sua convivência, se encontrando com frequência numa posição de marginalização e isolamento até mesmo em espaços que, a princípio, seriam considerados uma casa

Neste sentido, a partir da leitura das correspondências que seguem sendo publicadas nas edições seguintes, é possível perceber que, para uma parcela do público alvo do *Lampião*, ali estava presente uma oportunidade de representação e reconhecimento. A possibilidade de leitura sobre assuntos que tratam de suas realidades presentes em matérias produzidas com um olhar crítico e

⁶ LAMPIÃO da Esquina, nº0, abril de 1978, p.14

atencioso que, em teoria, parte de um lugar em comum com a comunidade, acaba por gerar a percepção de que essas pessoas não só são vistas, como podem se comunicar e ser ouvidas mesmo dentro de um contexto de repressão e marginalização

Na carta intitulada “Abraço do “Gente Gay””⁷, enviada por Agildo Guimarães, um dos fundadores do antigo jornal *O Snob*⁸ e, no momento da carta, escritor responsável pelo jornal *Gente Gay*, expressa sua satisfação ao receber uma edição do *Lampião da Esquina* e enxergar ali mais um meio de comunicação e informação da cultura homossexual naquele período, assim como mais um reforço de seus ideais de saída do “gueto” para a comunidade. Seguindo um tom semelhante, a carta do leitor Carlos Schorr e intitulada pelo jornal de “Abrindo as sete chaves”⁹, o autor coloca como propício o momento de chegada do *Lampião* muito por conta da situação do que ele chama de “minorias sexuais”, se referindo a comunidade homossexual, por conta de tabus e preconceitos que tomam conta da sociedade gerando percepções exteriores que refletem na vivência destes grupos marginalizados.

Posto isto, se faz possível entender como essas cartas acabam por assumir um papel além do de simples correspondência. Percebe-se que essa comunicação começa a ocupar uma forma de representação para um grupo socialmente minoritário e, a partir dos discursos apresentados, expressa o princípio de uma imagem identitária para aqueles que têm contato com tal conteúdo e se reconhecem de alguma forma o que, por consequência, dá a seção *Cartas na Mesa* um conjunto de possibilidades no que diz respeito à percepção e prática de uma parcela da comunidade homossexual da época como sujeitos próprios de suas realidades que extrapolam, em certa medida, os limites socialmente impostos pelo convívio com a sociedade, principalmente em um contexto político tão limitado como foi o governo militar e o seu controle ditatorial. Características estas que vão se tornando cada vez mais perceptíveis e abrangentes a partir do contato com cartas de leitores que vão muito além das felicitações ao novo membro gay da imprensa nanica brasileira

⁷ LAMPÍÃO da Esquina, nº1, maio de 1978, p.14

⁸ Primeiro periódico brasileiro voltado abertamente para a comunidade homossexual. Foi idealizado por Agildo Guimarães e foi lançado entre os anos de 1963 e 1969, apresentando uma relativa longa duração apesar de sua circulação silenciosa e discreta no país (GALLAS; OLIVEIRA, 2012)

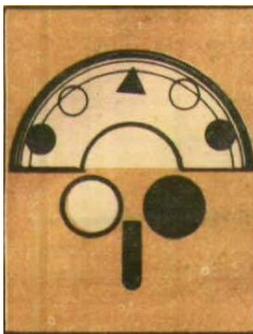
⁹ LAMPÍÃO da Esquina, nº2, junho de 1978, p.14

1.2 "QUAL É A TUA, OH LAMPIÃO?": A COMUNIDADE SABE O QUE QUER

Apesar dos mais variados tipos de elogios e agradecimentos pelo trabalho, ou até mesmo somente pela existência do Lampião se mostrarem presentes durante todas as doze edições do Cartas na Mesa analisadas para esta pesquisa, é interessante perceber a existência constante de leitores que buscam criticar e apresentar ideias novas para o futuro do jornal. A partir do reconhecimento entre uma parte da comunidade e o Lampião, vão se mostrando cada vez mais presentes cartas de leitores que querem mais do que apenas acompanhar notícias e publicações, mas sim fazer parte das discussões que moldam o projeto

Uma carta que ganha destaque nessa questão é a que foi chamada pelo editorial de "Lampião é Desnudado"¹⁰, enviada como uma correspondência assinada por um grupo de amigos que se encontravam em São Paulo para discutir a respeito de sua sexualidade e realidades e, naquele momento, resolveram fazer do Lampião da Esquina o tema de uma de suas reuniões. Esse grupo se propõe a analisar a forma que o jornal foi apresentado até o momento, levantando questionamentos e propondo modificações com o intuito de melhorar um projeto que, segundo os

Figura 1 - Símbolo do Lampião da Esquina



Fonte: Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, nº1, maio de 1978, p.1

autores, se apresenta livre de preconceitos e se destoa de uma imprensa machista.

O primeiro ponto trazido por esta carta é um análise dos significados por trás do Lampião, interpretando como esse nome cria uma associação entre atos de rebeldia que partem de minoria e a ideia de iluminação sobre assuntos que fogem das normativas sexuais da sociedade, dando espaço

¹⁰ LAMPIÃO da Esquina, nº3, julho de 1978, p.14

para a realidade das “homossexualidades”. Por outro lado, a leitura do símbolo escolhido como marca do jornal acaba recebendo uma conotação negativa ao entendê-lo como uma junção da rebeldia citada anteriormente e uma representação fálica o que, para o grupo responsável pela carta, se mostra uma atitude agressiva e machista, assim como uma falta de respeito com as mulheres que acompanham o periódico, contrapondo ideias iniciais do jornal.

Tal leitura se mostra mais interessante ao percebermos que ela ecoa questões levantadas em cartas enviadas por outros leitores em momentos diferentes. Logo na primeira edição um leitor anônimo, na carta intitulada “” Anônimo”¹¹ se revela” questiona a falta de mulheres no conselho editorial, defendendo que existem muitas mulheres que compõem a comunidade e sua colaboração para o projeto seria indispensável. Dando coro a essas críticas, a carta de Rose S., do Rio de Janeiro, que ganhou no título de “Carta das “Marias Bonitas””¹², onde a jovem estudante de jornalismo coloca como a maior falha do periódico a falta de representação feminina, tanto no conselho editorial, quanto nas reportagens publicadas até aquela edição. O Conselho editorial por trás do Lampião realmente não se mostrava o mais diverso

À frente da iniciativa, estavam figuras importantes da cena cultural carioca e paulista, além de intelectuais de prestígio, ainda que jovens, na universidade, no jornalismo e nas letras: os jornalistas Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata e João Antônio Mascarenhas; o artista plástico Darcy Penteado; o crítico de cinema Jean-Claude Bernardet; o escritor João Silvério Trevisan e o antropólogo Peter Fry. Alguns deles, como Aguinaldo, Bernardet e Trevisan, já haviam tido uma experiência de militância política nos grupos de oposição à ditadura (QUINALHA, 2017, p. 278)

O Lampião da Esquina foi criado e, a princípio, comandado por um grupo de onze homens que se identificavam como homossexuais, onde o único integrante negro era o jornalista Adão Costa, o que se mostra sintomático da desigualdade racial e de gênero até mesmo dentro de um projeto que se propõe a desenvolver um trabalho interseccional ao tratar das parcelas socialmente minorizadas da população. Neste sentido, a crítica feita pelo grupo de São Paulo acaba ganhando mais força e um espaço abrangente ao se conectar a outras reivindicações similares espalhadas pelo Cartas na Mesa

¹¹ LAMPIÃO da Esquina, nº1, maio de 1978, p.15

¹² LAMPIÃO da Esquina, nº2, junho de 1978, p.14

Ainda dentro da leitura do desnudamento do Lampião se encontram alguns pontos interessantes sobre como a comunidade enxerga o periódico e o que eles esperam de um jornal que represente a comunidade. O grupo da Paulicéia segue questionando o formato extremamente acadêmico da formatação do jornal, representando um possível apego a uma imagem culta atrelada à seriedade. Os autores da carta indagam se existe um medo de assumir a homossexualidade do jornal reivindicando um posicionamento mais claro do mesmo. Neste sentido, mais uma vez esta carta se conecta ao olhar de outros leitores que também esperam encontrar comportamentos mais condizentes com a forma que esperam ser percebidos dentro das publicações do Lampião.

O próprio Anônimo responsável pelo questionamento em relação a participação feminina no jornal traz uma reivindicação nesse sentido. Em seu ponto de vista o jornal deveria tratar de assuntos que se encontrassem fora da “temática gay” com o intuito de evitar que o jornal se isolasse e, ao mesmo tempo, a deixar de ser tão seco e apresentar mais frescura, se utilizando de estereótipos atribuídos a comunidade homossexual de forma positiva, sem medo de tratar de temas sexuais e mais descontraídos para fugir um pouco de temas mais pesados. Ressoando esse pensamento, Sandra Maria C. de Albuquerque, leitora de Campina Grande, na Paraíba, na carta intitulada pelo jornal “Mais Penas de Pavão”¹³, precisa se mostrar mais divertido e fresco e se afastar um pouco mais de uma imagem sisuda trazendo o humor e os *cartoons* para contar histórias e ser mais que um jornal que expõe e denuncia as dificuldades com que convive a comunidade

O contraponto a essas opiniões também se mostra presente dentro do Cartas na Mesa a partir de respostas e propostas enviadas por outros leitores. Carlos Schorr, o autor de “Abrindo as sete chaves”, se mostra totalmente contrário à ideia de aumentar a frescura no jornal por acreditar que isso levaria o projeto a cair no repetido e na reprodução do ridículo quando, na verdade, deveria se preocupar em tratar de uma tomada de consciência sobre a posição da comunidade homossexual e sua relação com a sociedade. Em sua opinião, o jornal deveria investir mais em matérias como a que tratou da prostituição masculina¹⁴, presente na edição anterior, mantendo a seriedade e profundidade dos temas. Nessa mesma edição do jornal encontramos a carta “Como sair das esquinas”¹⁵, enviada por Laércio M. S., onde o autor tece uma série de críticas a matéria defendida por Schorr, classificando-a como rasa e até mesmo preconceituosa ao não levar em consideração

¹³ LAMPIÃO da Esquina, nº2, junho de 1978, p.15

¹⁴ OS CAUBÓIS, SEUS CLIENTES: TODOS QUEREM SER FELIZES NO TRIÂNGULO DA BADALAÇÃO, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, maio de 1978, p.04

¹⁵ LAMPIÃO da Esquina, nº2, junho de 1978, p.15

as condições sociais e emocionais que envolvem os “dois lados” retratados na publicação, se referindo aos jovens que se prostituem e as pessoas que procuram seus serviços, ao mesmo tempo em que aconselha o jornal a se manter ligado a seriedade e buscar se aprofundar mais nos temas mais importantes sobre as homossexualidades.

Um último ponto interessante que aparece na carta escrita pelo grupo paulista é em relação ao posicionamento político do jornal. Segundo os autores o periódico deveria se posicionar mais e se colocar mais combativo em relação aos assuntos que publica, apresentando um tom mais provocativo e sem medo de expressar sua homossexualidade tratando da mesma pra além da generalidade.

A chegada do Lampião da Esquina trouxe uma expectativa para seus leitores sobre seu papel social e político que se mostraram presentes nas propostas iniciais do conselho editorial e é expressa nas cartas que o jornal recebe. Em uma das publicações que compõem o conjunto de cartas que foram denominadas como “Ecos do número zero”¹⁶, José Roberto Torres de Miranda, do Rio de Janeiro, defende que a luta individual de grupos explorados e oprimidos se tornam mais fortes quando encontram um espaço que lhes permite discutir e se informar cada vez mais sobre suas realidades, assim como sobre as ações de quem os oprime e, nesse sentido, um jornal que se posiciona abertamente sobre seus ideais, os quais se encontram de alguma forma, acaba por fortalecer a luta desse grupo de pessoas.

Ao analisar de forma conjunta essas cartas se torna possível perceber que o sentimento do público que acompanha o jornal vai além de identificação. A reação provocada não é só de alguém que se enxerga nas publicações, mas sim de um grupo de pessoas que percebem ali um espaço para exigirem a forma como querem ser representados. Para além disso, é criado ali um espaço de comunicação entre os próprios leitores, mesmo que de forma indireta, onde os mesmos podem colocar em pauta suas visões e opiniões sobre as melhores formas do jornal dos assuntos que lhes interessam ao mesmo tempo que debatem com outros membros da comunidade de formas que não seriam possíveis em outras circunstâncias

Neste sentido, o ponto central desta questão se torna o fato que um grupo de pessoas que, ao se sentirem enxergadas em uma produção, começam a realmente sentir como parte daquele projeto e no direito de expressarem como querem que suas realidades sejam representadas e a

¹⁶ LAMPIÃO da Esquina, nº2, junho de 1978, p.15

vontade para realizar discussões indiretas entre si sobre essa questão. Dentre as cartas citadas acima, as discussões se limitavam à estética do jornal, seu posicionamento político, sua diversidade e o teor das reportagens publicadas. Contudo, os debates entre os leitores não se limitavam a isso, assim como suas opiniões sobre as formas de representação das homossexualidades, produzindo discursos e questionamentos sobre a imagem do homem gay e as suas performances dentro da sociedade que exigem um olhar mais aprofundado.

1.3 “UMA QUESTÃO DE LINGUAGEM”: IDENTIDADES GAY EM PAUTA

É a carta de Paulo Bonorino, escrevendo de Canoas-RS, dá o pontapé inicial na discussão sobre o comportamento dos homens gays dentro das publicações do Cartas na Mesa. Denominada “Um apelo aos jovens gueis”¹⁷, a carta apresenta um discurso sobre a nomenclatura utilizada para representar homossexuais e como ela seria condizente com o comportamento e a realidade social dos membros masculinos da comunidade, pensando em como os jovens se comportam e as possíveis consequências de suas ações. A carta termina com um tom religioso, contudo o que importa é que a temática que gira em torno do que se espera da imagem do homossexual no Brasil segue como uma constante na sessão de cartas do Lampião da esquina.

Ainda dentro da discussão sobre a ideia de comportamento e auto identificação do homossexual em relação a sociedade, a carta “Assumir o quê”¹⁸, enviada por Guilherme Império, questiona o significado por trás da ideia de se assumir perante a sociedade, independente da sexualidade com qual a pessoa se identifica. Essa carta vem em resposta a primeira publicação do Lampião da Esquina¹⁹, onde o conselho editorial expõe os objetivos do projeto, dentre eles a possibilidades e liberdade para aqueles que o quisessem, pudessem assumir sua sexualidade e viver suas vidas sem represálias por conta disso. O autor da carta defende que a ideia de se assumir vem como uma influência do movimento estadunidense e que, na realidade, essa necessidade acaba por fortalecer a segregação da comunidade em relação à sociedade, onde o ideal seria viver sua realidade sem precisar assumir condição alguma, com o intuito de não reforçar uma dicotomia entre

¹⁷ LAMPIÃO da Esquina, nº0, abril de 1978, p.14

¹⁸ LAMPIÃO da Esquina, nº1, maio de 1978, p.14

¹⁹ SAINDO DO GUETO, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, maio de 1978, p.2

o normal e o estranho tratar da relação entre as pessoas que se adequam a normativa sexual e de gênero e aqueles que compõem as várias faces das “homossexualidades”.

O Lampião se propõe a responder que o que eles defendem é a possibilidade de escolha, não a necessidade de se assumir, contudo é necessário ter a consciência de a linha de pensamento do leitor pode contribuir com discursos homofóbicos que preferem que gays, lésbicas e travestis continuem fingindo que não existem dentro da sociedade. O que se mostra mais significativo em relação ao debate que surge a partir da carta de Guilherme Império, é como ela representa um tom inicial dos vários discursos e questionamentos que vão se apresentando durante as publicações do Cartas na Mesa, e que se mostram cada vez mais interessados na percepção sobre o papel e o comportamento do homem gay através das páginas do jornal

Neste sentido, a carta “Paulada na Bichórdia”²⁰, enviada pelo leitor José Alcides Ferreira, apresenta seu otimismo em relação ao futuro do Lampião como jornal e explicita o que o poderia diferenciar de periódicos que vieram a fracassar no passado. De acordo com o autor, o erro de outras produções foi se associar com o que ele chama de “bichices”, onde inclui as travestis e homens que se portam com pompa e frescura, reproduzindo feminilidade em seu modo de agir, em contraponto a homossexuais que, de acordo com a visão de José, se comportam como “homens” normais e se relacionam de tal forma.

É importante pensar nos termos que são utilizados nas publicações do Lampião, tanto aqueles presentes em reportagens, quanto aqueles que fazem parte das cartas dos leitores, para entender a forma como essas palavras se relacionam com as separações que ocorrem dentro da comunidade. O Lampião apresenta em suas páginas uma série de termos comuns a comunidade homossexual da época que, em alguns casos, sofreram ressignificações e modificações para melhor se adequar aos membros da comunidade e funcionar como uma forma de diminuir os efeitos dos preconceitos carregados por tais palavras. Alguns exemplos são os termos “*bicha*”, “*viado*”, “*boneca*” e a variação entre o uso da palavra *gay* e *guei* que aparecem sendo utilizados de diversas formas através do periódico, com sentidos e pesos diferentes o que, segundo Brito, não apaga por completo as relações iniciais com tais palavras

A palavra *bicha*, usada seis vezes, teve grande parte de sua utilização vinculada à violência, ao universo folclorizado da homossexualidade e ao feminino, isso demonstra como a semântica estabelece hierarquias aos homossexuais com base nos padrões heteronormativos. A *bicha* por ser mais afeminada, é colocada em um padrão subalterno

²⁰ LAMPIÃO da Esquina, nº2, junho de 1978, p.14

em relação a outros homossexuais. Nos dias atuais o termo bicha tem sido ressignificado pela comunidade LGBT, trazendo para seu interior um teor político e de empoderamento. Ser bicha, a partir dessa visão significa resistência e reconhecimento. (BRITO, 2016, p. 28)

Isso significa que, apesar das mudanças e ressignificações que podem acontecer, os efeitos de um poder hierárquico que se mostram presentes através dos significados das palavras presentes nestes discursos precisam ser levados em consideração ao tentar entender como se dava a relação entre as diferentes visões sobre o modelo de comportamento do homossexual brasileiro em relação a um pensamento moral e heteronormativo. Essa é uma preocupação que se mostra presente no discurso do leitor Alfredo Rangel, autor da carta “Ainda o auê das palavras”²¹, onde ele aponta como problemática a utilização de termos que sempre foram empregados pejorativamente pela sociedade para se referir a comunidade homossexual, sem que haja um cuidado para que isso não se torne apenas uma reprodução de pensamentos e ações negativas. A resposta do editorial demonstra que o pensamento do conselho do jornal é de que a ressignificação desse vocabulário contribui para desarmar aqueles que se colocam contrários às comunidades e que, com os devidos cuidados, funcionaria como uma forma de combater essa força hierárquica e machista que circula a comunidade homossexual

Regina Facchini(2006), em sua obra sobre a história do movimento LGBTQIA+, apresenta uma análise, utilizando como base as ideias de Peter Fry²², sobre o histórico da relação hierárquica que pesa sobre as identidades homossexuais no Brasil. Segundo a autora, ainda persiste no Brasil desse período uma divisão onde a imagem do masculino como ativo e visto como superior em relação a imagem do feminino, enxergado como passivo, divisão essa que alcança as relações homo, assim como as relações heteronormativas, ganhando forças com ideias machistas e forças patriarcais.

Marcas dessas questões hierárquicas se mostram presentes na escolha de palavras que compõem o discurso presente na carta de José, principalmente quando ele coloca a travestilidade como parte de um problema. Mas se faz preciso frisar que esse também é um pensamento que compõe a discussão a respeito de uma formação identitária da comunidade homossexual, servindo como um ponto de vista que ecoa o pensamento de uma parcela dessa comunidade e um

²¹ LAMPIÃO da Esquina, nº4, agosto de 1978, p. 18

²² FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: A construção histórica da homossexualidade no Brasil. In _____. (Org.). **Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982. p. 87 - 112

contraponto para um debate entre os sujeitos afetados. P. Camargo, leitor responsável pela carta que recebeu o nome de “De frentes e querelas”²³ escreve exatamente com o intuito de debater com os pensamentos expostos na carta referida anteriormente. Em sua opinião, o pensamento de José acaba por absorver uma responsabilidade externa e transferi-la para grupos que fazem parte da comunidade e sofrem com consequências estruturais referentes a sociedade heteronormativa. Camargo pontua também que, como membros da comunidade homossexual, suas formas de expressão e comportamentos considerados espalhafatosos e afeminados podem ser interpretados como uma forma de resposta e auto afirmação em relação ao meio em que convivem, criando formas de enfrentar e se firmar perante as dificuldades que lhes são socialmente impostas.

Ecoando esta linha de pensamento, o leitor que se identifica como Iso Fischer e foi responsável pela carta “Quem está com a Bandeira”²⁴, aponta a importância de se compreender a comunidade homossexual levando em consideração suas divisões e respeitando as diferenças de realidade que cada uma apresenta. O autor da carta se preocupa em defender que essa divisão não se apresenta como coisas fixas, mas remetem a estereótipos atrelados a preconceitos que se conectam a pensamentos exteriores a comunidade, mas que são reproduzidos e ganham força dentro dela, gerando relações e visões hierárquicas.

Em vista disto, é possível concluir que existe uma preocupação muito grande por parte de membros da comunidade em relação a forma como são percebidos. A ideia de como a imagem do homem gay é representada se mostra fonte de grande debate entre aqueles que se identificam como homossexuais, expressando variadas formas de ideias de comportamento que se mostram plurais e advindas de variadas fontes. Nesse sentido, a identidade homossexual se apresenta formada a partir de variadas fontes que misturam as exigências de uma comunidade heteronormativa e as formas de resistência desenvolvidas por um grupo marginalizado que se mostra mais do suas relações com um meio.

A partir da análise de algumas cartas enviadas ao Lampião levando em consideração o que se mostra mais presente alguns pontos se tornam expressivos. O primeiro é a representação majoritária de correspondências enviadas por pessoas que se identificam como homens gays o que, por consequência, acaba deixando suas marcas nos debates e comunicações que acontecem a partir da seção Cartas na Mesa, apresentando sintomas da relação de poder existente dentro da

²³ LAMPIÃO da Esquina, nº3, Julho de 1978, p. 14

²⁴ LAMPIÃO da Esquina, nº4, agosto de 1978, p. 18

comunidade homossexual. A segunda questão se relaciona às formas com que os membros da comunidade se comunicam com o periódico e os resultados desse contato, proporcionando uma percepção maior sobre como uma parcela da comunidade lida com as possibilidades de representação

Primeiramente se percebe um sentimento eufórico expresso nas cartas em resultado da descoberta de um espaço de comunicação e informação que se apresenta como voltado para a comunidade homossexual, criando um sentimento de identificação e visibilidade. Em seguida é possível perceber como um movimento de apropriação do projeto por parte daqueles que enviam cartas ao jornal começa a acontecer, onde os mesmos começam a expressar como eles querem que suas realidades sejam apresentadas e trabalhadas pelo jornal, iniciando comportamentos que vão além da identificação, demonstrando a capacidade dessa parcela da comunidade de se perceber sujeito de suas realidades, não só como parte do que apresentado. Por fim, fica evidente que a preocupação com uma identidade homossexual faz parte das principais discussões dentre os membros da comunidade apresentando pontos de vista plurais que refletem as vivências dessas pessoas e seu contato com a sociedade, resultando em imagens diferentes de um ideal identitário homossexual. Enfim, pautando-se no que mostra mais presente nas fontes, é possível enxergar que uma busca por representação acontece de variadas formas e que a comunidade homossexual se mostrou disposta a se apropriar das oportunidades e meios que conquistam para expressar suas realidades.

CAPÍTULO 2 – O DEBATE PRESENTE NAS AUSÊNCIAS

2.1 “A VOZ DA MULHER”: ELAS TAMBÉM QUEREM SEU ESPAÇO

A presença feminina escassa no início do *Lampião da Esquina* foi pauta levantada pelos leitores desde a edição número zero. Essa ausência não diz respeito apenas ao conselho editorial, mas também se mostra como uma característica visível no público que se correspondia com o jornal. O primeiro questionamento a esse respeito feito por uma mulher aconteceu na forma da carta de Rose S., que recebeu o título de “Cartas de “Marias Bonitas””²⁵, onde a autora se apresenta como ávida leitora de jornais voltados para a comunidade homossexual e defende que essas publicações sempre cometem o mesmo erro de não dar espaço a parcela feminina que compõe essa comunidade. O nome escolhido para a carta veio por conta da escolha da autora de propor, em aparente tom de brincadeira, que se o *Lampião* não abrisse esse espaço para as mulheres ela começaria um jornal com o nome de “Maria Bonita” voltado só para o público feminino com o intuito de bater de frente com o periódico.

Essa ausência feminina nas páginas do *Lampião* acaba por se conectar diretamente a uma dinâmica já presente na relação entre as mulheres lésbicas e a comunidade homossexual no que diz respeito a visibilidade e a ocupação de espaços. Alexandre Magno traz um pouco dessa questão ao analisar a história da lesbianidade no Brasil:

Nos últimos anos no Brasil, as discussões acadêmicas sobre homossexualidade na Ditadura Militar tem ganhado espaço, porém os estudos e registros sobre as mulheres lésbicas nesse período ainda são escassos. Essa invisibilidade das lésbicas como sujeitos históricos no Brasil, não só no regime militar, mas desde à colônia até a contemporaneidade, se dá em função da estrutura heteronormativa e machista que estabelece papéis secundários às mulheres e marginalizam as que se denominam homossexuais. (BRITO, 2016, p.67)

Isso significa que, ao se fazer uma leitura da busca por espaços de representação das mulheres lésbicas, é preciso levar em consideração os efeitos das relações de poder que dominam a sociedade de uma forma que coloca as mulheres em posições inferiores atentando-se as maneiras como o machismo e a heteronormativa expressam sua influência dentro da comunidade homossexual e, para os fins desta pesquisa, como elas se mostram presentes na sessão *Cartas na Mesa*, assim como no *Lampião* como um todo.

²⁵ LAMPPIÃO da Esquina, nº2, junho de 1978, p.14

A leitura da obra de Facchini (2006) reforça a ideia sobre um baixo número de fontes relacionadas às mulheres lésbicas, principalmente quando comparadas aos estudos sobre a homossexualidade masculina. Segundo a autora essa escassez também se mostra presente no que diz respeito aos espaços de socialização voltados para a população homossexual feminina no Brasil da segunda metade do século XX, levantando a possibilidade de que os espaços noturnos e reclusos que funcionavam como lugares de segurança para os homens gays talvez não representassem essa mesma segurança para a comunidade lésbica. A autora relata como na década de 1950 boates, cafés e restaurantes frequentados por intelectuais e artistas no Rio de Janeiro começaram a ser frequentados por mulheres que, de forma bastante discreta e velada, acabavam por fazer daqueles lugares espaços de convivência onde poderiam tratar de suas realidades e sexualidades. Ainda nessa questão, Facchini trata do restaurante chamado Ferro's Bar, que ficou conhecido pela cidade de São Paulo das décadas de 1960 por ser frequentado por lésbicas que serviram como inspiração para as obras de Cassandra Rios²⁶, que tratam exatamente dos relacionamentos e paixões proibidas entre mulheres.

Para além dos espaços de sociabilidade, a autora demonstra, através de sua pesquisa sobre a história da formação do movimento LGBTQIA+ brasileiro, como a experiência da comunidade lésbica se difere da realidade homossexual masculina. Facchini defende que uma idealização da imagem do masculino por parte dos homens gays acaba por gerar um conflito com lésbicas e travestis dando mais força para a ideia de que mulheres precisavam criar seus próprios espaços de discussão dentro da comunidade com maior ênfase nas questões que envolvem os gêneros e as especificidades de suas realidades.

Em artigo publicado em 1980, a poeta Adrienne Rich (1929) propôs a perspectiva de um “*continuum* lésbico”, que visava reforçar os vínculos entre mulheres com vistas à construção política de uma “sororidade” (*sisterhood*) feminista, fundamentada na experiência compartilhada da identidade de gênero, que ela comparava à maternidade em detrimento das questões da sexualidade. A perspectiva apresentada por Rich é marcada por um forte anseio anti-hierárquico e solidário, que constrói a mulher como um celeiro de

²⁶ “Cassandra Rios era o pseudônimo de Odete Rios, que nasceu em São Paulo em 1932 e morreu no dia 08 de março de 2002, também em São Paulo. Destacou-se por ser uma escritora de ficção que tratou do tema da lesbianidade em seus livros, pelo número de publicações que chegou a marca de 50 obras, por ter sido “a primeira escritora brasileira a vender 1 milhão de cópias e a mais censurada artista do país”. Sua trajetória cruzou um dos períodos mais sombrios da história recente do Brasil (1964-1985) e por diversas vezes, a autora sofreu censura, perseguições judiciais, força policial e violência física perpetradas pelo Estado devido aos temas de seus romances que tratavam, sobretudo, da homossexualidade feminina” (BRITO, Alexandre Magno Costa E. **O Lâmpião da Esquina: Uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981)**. 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, p. 75. 2016.)

virtudes naturais e vê a relação entre mulheres como uma experiência profundamente amorosa e igualitária, em contraste com o materialismo, a violência e a pulsão de domínio que caracterizariam a conduta e as relações homossexuais masculinas (FACCHINI, 2006)

Essas características que marcam o processo de desenvolvimento das lutas da comunidade lésbica em relação as homossexualidades permeiam os discursos presentes nas cartas enviadas ao *Lampião* com o intuito de questionar onde estaria o seu espaço naquelas publicações. A carta intitulada “Qual é a tua, oh *Lampião*?”²⁷, enviada pela leitora Gide Guimarães, ganha um certo destaque pelo seu discurso crítico aos posicionamentos políticos do conselho editorial e das questões que o jornal se propôs a defender e trabalhar. Gide questiona a proposta de interseccionalidade do jornal em relação a forma como as outras minorias têm sido representadas nas publicações, acusando o jornal de demonstrar um certo paternalismo ao tratar de outros grupos marginalizados, inclusive aqueles que também compunham as homossexualidades da época.

A leitora aponta, ainda, que ela enxerga uma reprodução de estereótipos machistas e heteronormativos ao representar mulheres como mais sensíveis e inteligentes com um tom paternalista em reportagens e em repostas a questionamentos sobre a falta de espaço da mulher dentro do conselho editorial, propondo que características que poderiam ser consideradas como elogios perdem seu valor quando fazem parte de discursos que servem como desculpas e reforçam comportamentos machistas, assim como quando seus textos aparentam demonstrar que mulheres lésbicas seriam algo externo que ainda viriam a adentrar os espaços do editorial do *Lampião*, não como uma parte natural de um periódico que se apresenta como representante da comunidade homossexual daquele período. A autora da carta ainda questiona sobre o que vê como indecisões e faltas de posicionamento do periódico, possivelmente fazendo dessa a carta, dentre as publicadas, com maior teor crítico do primeiro ano do *Cartas na Mesa*.

Seguindo nessa linha, mas com um tom mais leve, a carta enviada por Telma Radicez, que recebeu o nome de “A voz da mulher”²⁸, reforça o pensamento de Gide Guimarães. A autora da carta questiona o posicionamento do jornal em relação a homossexualidade feminina levando em consideração que, apesar do conselho editorial se apresentar como completamente aberto para as mulheres, sejam elas lésbicas ou não, o discurso exposto é carregado de um tom paternalista de quem concede espaço de acordo com suas vontades e da forma que achar melhor.

²⁷ LAMPIÃO da Esquina, nº4, agosto de 1978, p.17

²⁸ LAMPIÃO da Esquina, nº11, abril de 1979, p.18

É interessante como Telma aponta que a realidade da mulher homossexual realmente dificultaria, em certa medida, o contato com o jornal da mesma forma em que acontece com os homens, já que as relações lésbicas e as performances de suas sexualidades acontecem de forma mais velada e contida, algo sintomático da posição social feminina imposta por uma hierarquia machista como posto por Facchini (2006), contudo isso não seria justificativa o bastante para as respostas evasivas com que o Lampião tratava cada questionamento sobre a falta de espaço da mulher, lésbica ou não, dentro do jornal. Segundo a leitora, o Lampião já contaria com um alcance grande e um espaço informativo que lhe permitiria dar mais abertura para as temáticas que envolvessem a homossexualidade feminina sem se esconder atrás dessa dificuldade em encontrar mulheres para fazer parte da redação que eles tanto defendem. Nesse sentido, a autora da carta defende que o comportamento do conselho editorial a esse respeito correria o risco de reproduzir sobre a lesbianidade, de forma involuntária, os mesmos comportamentos repressivos e marginalizantes que pesam sobre as homossexualidades naquele período.

Dito isto, é preciso ressaltar que nem todas as mulheres que se correspondem com o Lampião apresentando queixas em relação sobre a ausência feminina se demonstram totalmente descontentes com a forma como o jornal funciona. Na carta “Duas Anas da mesma Paulicéia”²⁹, a autora Ana Teresa traz também o questionamento sobre o espaço da mulher dentro do jornal, requisitando mais reportagens sobre a realidade feminina e dizendo perceber que esse espaço se mostra cada vez menor. Contudo a leitora faz questão de deixar claro que aprecia muito o jornal e que considera sua existência muito importante, elogiando seu papel como resistência e incentivando a continuação da luta do Lampião.

Seguindo esse mesmo tom, uma leitora chamada Carmen Lucia, autora da carta que recebeu o nome de “Dar palavra à gente comum”³⁰, demonstra seu apreço pelo periódico e seu papel representativo em relação a comunidade homossexual, além de manifestar sua indignação em relação ao caso de perseguição e censura que o Lampião vinha sofrendo naquele período³¹, contudo não deixa de expressar sua vontade de ver mais das mulheres nas páginas do Lampião. A autora pede que o jornal comece a abordar a homossexualidade feminina da mesma forma que trata a

²⁹ LAMPIÃO da Esquina, nº9, fevereiro de 1979, p.15

³⁰ LAMPIÃO da Esquina, nº9, fevereiro de 1979, p.14

³¹ A carta se refere a convocação para depoimento e identificação datiloscópica dos membros do conselho editorial do Lampião da Esquina, que ocorreu em Janeiro de 1979, em consequência de uma acusação de ferimento da moral e dos bons costumes através de suas publicações, levando a um processo contra o Delegado Chefe da DOPS/SR/DPF/RJ e uma tentativa de encerramento do periódico (QUINALHA, 2017)

homossexualidade masculina, tratando mais da realidade da mulher lésbica, pois da forma como o jornal tem tratado as questões femininas, é formada uma impressão de que elas estão a margem da comunidade assim como em relação ao processo de expressão e conscientização para o qual o *Lampião* tem contribuído.

Neste sentido, existem também exemplos de leitoras que se comunicam com o jornal apenas com o intuito de expressar suas impressões sobre o periódico e o que ele tem representado para elas, assim como foi o caso de grande parte do público masculino. Como exemplo aparece a carta “Ana de São Paulo”³², sem nenhum nome de assinatura da carta presente na publicação além do que compõe o título, onde a leitora escreveu apenas para parabenizar o jornal pela sua reportagem a respeito da Amazônia³³, ao mesmo tempo em que aproveita para fazer uma crítica ao governo militar e sua conduta a respeito desse tema. Seguindo um tom semelhante, a carta “Papo com Betha”³⁴ escrita por uma leitora identificada apenas com E.P, onde a própria relata as dificuldades de crescer como uma mulher homossexual em meio a uma família preconceituosa e conservadora, além de sugerir conteúdos que ela gostaria de ver publicados no periódico. Dentre estas cartas está presente a escrita por Maria das Graças Abreu, que foi intitulada “Mães contra o preconceito”³⁵ em que a leitora se identifica como uma mulher heterossexual, mas que teve um grande interesse no *Lampião* pelo fato de ser mãe de um homem gay. Maria escreve com o intuito de afirmar que existem muitas mães como ela que não tem problemas com a sexualidade de seus filhos e expressam seu amor incondicionalmente e que seria interessante se o jornal fizesse algum tipo de reportagem a respeito com o objetivo de talvez alcançar e conscientizar familiares dos membros da comunidade homossexual.

Enfim, a leitura das cartas enviadas pelo público feminino que acompanha o *Lampião* da esquina, nos permite compreender algumas especificidades quando analisadas em relação a forma como o público homossexual masculino recebeu a chegada do periódico. É perceptível que algumas dessas mulheres procuram ocupar o espaço gerado pelo *Lampião* da mesma forma que o público masculino ao dar suas opiniões e expressar seus sentimentos em relação as publicações e o que significa a existência de um espaço de comunicação voltado para a comunidade homossexual daquela época. Contudo, se torna mais claro ainda a existência de uma discrepância muito grande

³² LAMPIÃO da Esquina, nº12, maio de 1979, p.19

³³ *TEM PIRANHA NA AMAZÔNIA*. TREVISAN, João Silvério. *Lampião da Esquina*, fevereiro de 1979, p.02

³⁴ LAMPIÃO da Esquina, nº12, maio de 1979, p.19

³⁵ LAMPIÃO da Esquina, nº9, fevereiro de 1979, p.14

entre a forma e facilidade de ocupação desse espaço por parte do público gay em relação ao esforço feito pela comunidade lésbica.

Enquanto é possível enxergar desde um primeiro momento uma tentativa de apropriação do *Lampião* por seu público masculino, gerando discussões sobre o que e como deveria ser publicado, assim como debates a respeito da imagem e a identidade do homem gay, o que se percebe é que as mulheres precisam, durante o período do primeiro ano do jornal, lutar por um espaço significativo dentro dele. Não ocorrem debates sobre a lesbianidade dentro da sociedade, sobre uma imagem da mulher lésbica ou sobre como elas querem ser representadas ali, o que acontece são questionamento sobre onde está o espaço da mulher, homossexual ou não, dentro de um projeto que se propõe interseccional, assim como apontamentos de comportamentos machistas e paternalistas por parte do conselho editorial. Isso significa que o debate feminino acaba por ficar um passo atrás do masculino dentro do periódico, o que demonstra ser um reflexo das relações de poder pautadas em gênero que dominam a sociedade dentro da comunidade homossexual da época, assim como um exemplo de como acontece a relação entre os grupos marginalizados que compõem as homossexualidades no Brasil do final dos anos 1970

2.2 A AUSÊNCIA ESCREVE

A travestilidade é um tema relativamente recorrente dentro das publicações do primeiro ano do *Lampião da Esquina*, seja em suas reportagens de capa tratando das dificuldades diárias das travestis ou em referência a momentos de descontração e comemoração, como em suas reportagens sobre o carnaval, o que não poderia ser diferente levando em consideração a proposta do jornal de abarcar de forma abrangente a comunidade homossexual, como demonstra Brito em sua análise das capas do *Lampião da Esquina*:

O vocábulo lésbica, utilizado duas vezes, assim como a palavra homossexual, foi vinculado às questões políticas. Travesti, aparece três vezes, sempre no plural e também está relacionada aos assuntos políticos, diferente da palavra boneca, que designa as travestis em momentos de diversão, como por exemplo, nas matérias sobre o carnaval. A palavra, “transexualismo”, também é usada nas questões políticas. No entanto, apresenta um significado diferente do termo “transexualidade” utilizado nos dias atuais. Nas matérias do *Lampião da Esquina*, a transexualidade, chamada de “transexualismo”, na maioria das vezes, é sinônimo de travestilidade. (BRITO, 2016, p.30)

Contudo, essa é uma questão que demonstra uma faceta bem diferente no que diz respeito a seção Cartas na Mesa e os leitores que assinam as correspondências enviadas ao periódico.

Figura 2: Capa da edição número 4 do Lâmpião da Esquina



Fonte: Lâmpião da Esquina, Rio de Janeiro, nº4, agosto de 1978, p.1

Não seria possível afirmar com total certeza que nenhum das cartas enviadas ao jornal em seu primeiro ano foi escrita por uma pessoa que se identificasse como travesti, afinal muitas dessas correspondências são assinadas com siglas ou com nomes que costumam ser atribuídos arbitrariamente a pessoas do sexo masculino ou feminino. O que fica evidente através da leitura dessas cartas é que o conteúdo de nenhuma delas apresenta relatos ou discussões que retratem ou aprofundem questões relativas a realidade dessa parcela da comunidade homossexual daquele período, assim como não se encontram debates sobre questões identitárias relacionadas a travestilidade.

O melhor exemplo de como a travestilidade aparece na seção Cartas na Mesa fica por conta do debate apresentado entre as cartas “Paulada na Bichórdia” e “De frentes e querelas”, já expostas anteriormente. Na primeira, o autor coloca as travestis como parte do problema da comunidade homossexual e como um contraponto aos homens gay que agem da forma que ele considera correto, chegando a defender a ideia de que a performance da identidade travesti seria um reforço de

estereótipos machistas presentes na sociedade heterossexual. A segunda carta critica o tom agressivo da primeira e aponta como autor se aproxima muito do discurso de pessoas que são contrárias a comunidade homossexual além de afirmar que os alvos daquele ataque são parte dessa comunidade, dando ênfase ao grau aumentado de perseguição que elas sofrem.

Isso significa que a travestilidade só aparece nas cartas quando inserida em debates que tem como foco a imagem do homem gay, colocando em pauta disputas com juízo de valor sobre a performance da masculinidade e da feminilidade na identidade homossexual masculina. Ou então quando apresentada como parte de um grupo que sofre mais com os preconceitos que miram as homossexualidades, mas, na maioria dos casos, sem um reconhecimento individualizado. Ou seja, a travestilidade só tem espaço dentro do Cartas na Mesa a partir de um olhar externo e sem nenhum tipo de aprofundamento, ao contrário dos gays e lésbicas que se comunicam com o periódico, o que pode ser visto como um reflexo do contexto específico em que as travestis se encontravam naquele período e a sua história dentro do movimento homossexual

Brito levanta um questionamento importante a respeito da realidade da população trans³⁶ e travesti daquele período em relação às especificidades que marcam sua formação como um movimento em relação aos outros segmentos da comunidade homossexual

É muito importante se pensar o porquê travestis e transexuais durante a ditadura militar no Brasil, ao contrário dos gays e das lésbicas, não construíram um movimento organizado para defenderem suas demandas específicas capazes de fazer com que as vivências e experiências desses grupos fossem registradas ou colocadas como pauta importante, resultando na produção de documentos. Essa ausência de registros reforça os silenciamentos desses grupos na condição de sujeitos históricos e é como se essas categorias não tivessem existido para a história (BRITO, 2016, p.98)

O autor aponta que existiu uma falta de organização política resultante do peso de estruturas e dificuldades sociais que impossibilitaram o empoderamento da travestilidade, reforçando a marginalização, estigmatização e violência sofrida por esse grupo. Isso significa que a opressão sofrida, assim como a dificuldade maior de se acessar direitos básicos providos pela cidadania, por essa parcela da comunidade era agravada devido ao fato de performarem suas identidades através

³⁶ É importante perceber que o entendimento a respeito da transexualidade no período retratado nesta pesquisa se difere muito do atual. Como exemplo, tanto a transexualidade quanto a travestilidade eram apresentadas no Lampião da Esquina como orientações sexuais, não como identidades de gênero. Além disso, a linha entre ser transsexual e ser travesti se mostrava muito tênue, tanto para percepções externas quanto para o auto reconhecimento dessas pessoas (BRITO, 2016)

da imagem do feminino de uma forma que as destacava socialmente, resultando em uma potencialização da perseguição e do abuso sofrido.

Quinalha exemplifica bem o tratamento persecutório recebido pela população travesti no Brasil do final dos anos 1970 e começo dos anos 1980 ao retratar a tentativa de criação de um projeto de limpeza da cidade de São Paulo que buscava perseguir e confinar essas pessoas a locais específicos da cidade, longe da vista da população. O autor trata da pequena série de reportagens publicadas pelo jornal Estado de São Paulo, em 25 de março de 1980, com o intuito de “alertar” a população a respeito das travestis. O jornal atribui o aumento de crimes pela cidade, que incluíam assaltos, prostituição e assassinatos, a presença da população travesti se utilizando de um texto que reforçava estereótipos negativos, assim como reforçava a defesa da ideia de moral e família ideal. Além disso, o periódico apresentou uma cobrança do posicionamento da polícia a respeito desse caso, formulando posteriormente propostas de soluções para o que era considerado por eles um grande problema que não poderia seguir afetando a população de bem:

A proposta de solução apresentada era de confinar tais presenças indesejáveis em certas ruas da “Boca do Lixo”, a fim de proteger as famílias das ameaças de assaltos ou chantagens, “além de evitar aquela visão desagradável dos invertidos oferecendo o corpo pelas ruas decentes da cidade”. O modelo ideal apresentado era o do famigerado delegado. Sérgio Paranhos Fleury, que esteve à frente do DOPS em um dos períodos mais violentos da ditadura contra seus opositores e foi acusado de comandar diversas ações do chamado “Esquadrão da Morte”, grupo paramilitar de execuções de “bandidos” nas periferias de São Paulo. Segundo o Estadão, quando Fleury era chefe do DEIC, “os dois xadrezes destinados exclusivamente aos travestis estavam sempre cheios” e ele exigia “que o travesti arranjasse emprego; caso contrário obrigava-o a deixar a cidade e na reincidência da prisão; autuava-o em flagrante por vadiagem. Mesmo assim a cada noite eram presos em média 40 homossexuais” (QUINALHA, 2017)

Essa citação retirada do trabalho de Quinalha demonstra claramente como a perseguição contra a população travesti acontecia de forma ferrenha e constante, com o intuito de aprisionar essas pessoas que não se enquadravam nos moldes identitários da sociedade, seja defendendo a reclusão a espaços e ruas escondidas do resto da população, ou encontrando formas de mantê-las encarceradas pelo máximo tempo possível, reforçando a marginalização desse segmento da comunidade homossexual da época.

A partir dessas reflexões se faz possível compreender como essas especificidades no contexto político e social da comunidade travesti acaba por coloca-la a parte do restante da comunidade homossexual, assim como essa diferença se reflete na sua ausência dos vários

discursos que compõem o Cartas na Mesa. Nota-se que a invisibilização histórica proposta por Brito se repete dentre as cartas publicadas pelo Lampião demonstrando uma faceta dessa dificuldade que a travestilidade encontra para se expressar como sujeitos de suas realidades, impossibilitando que essas pessoas consigam sequer reivindicar seu lugar em um espaço de comunicação e sociabilidade que se propõe voltado para a comunidade homossexual em geral.

Neste sentido, podemos pensar em pelo menos duas possibilidades de agravantes que podem se destacar no que diz respeito a afastar a comunidade travesti dos meios de comunicação como o Lampião. A primeira segue atrelada a realidade enfrentada pela travestilidade por conta de seu contexto político e social que a coloca em uma situação mais profunda de marginalização precisando lidar com perseguições e abusos que partem tanto de fora, quanto de dentro da comunidade homossexual.

A segunda está relacionada ao modelo do Lampião na Esquina e o tamanho de seu alcance dentro da comunidade homossexual no seu primeiro ano de publicação. Como já dito anteriormente, o conselho editorial é composto majoritariamente por artistas e intelectuais brasileiros de diversas áreas e isso acaba sendo transparecido na formatação do jornal e nas matérias publicadas. O excesso de erudição e a formatação acadêmica do Lampião foram alvos de diversas críticas por parte dos leitores ao defenderem que o periódico deveria ser mais voltado ao público considerado mais comum, facilitando o acesso do povo ao jornal. Um exemplo se mostra através da carta enviada por um leitor identificado como J.C.L., da cidade de Recife, e que recebeu o nome de “O povão, onde está o povão?”³⁷. Nela o autor defende que os moldes do periódico não permitem que ele seja realmente representativo de toda a comunidade, apontando que seu excesso de erudição e formalidade acaba por demonstrar um ar de elitismo que afasta o povo do jornal. O leitor chega a questionar onde está o espaço das travestis por trás do Lampião, defendendo que a presença delas, assim como da parcela mais humilde da população, seria uma representação de democracia dentro do jornal.

Essas críticas aos moldes do Lampião aparecem de forma relativamente frequente nas cartas publicadas pelo jornal, apesar de não apresentarem o tom de reivindicação por espaço presente na carta de J.C.L. Entender como essa questão afetaria o acesso da parcelas mais marginalizadas da comunidade ao jornal não significa dizer que essas pessoas seriam incapazes de compreender os discursos publicados pelo jornal, significa muito mais compreender que pessoas que lidam com um

³⁷ LAMPIÃO da Esquina, nº4, agosto de 1978, p.19

nível mais brutal de perseguição e desigualdade, como é o caso das travestis, encontrariam uma dificuldade maior para acessar espaços de sociabilidade com formatos elitistas que não promovem uma abertura facilitada para elas.

Enfim, o que esse conjunto de reflexões nos permite perceber é como a apropriação de um espaço de sociabilidade e comunicação pode ser fragmentada mesmo quando se propõe como voltado para uma comunidade em geral. A ausência das travestis na posição de autoras das cartas enviadas e publicadas pelo Lampião nos permite compreender melhor como o contexto social implica na dificuldade de alcance e de empoderamento desse grupo, inclusive no que diz respeito a espaços pertencentes a comunidade homossexual. Fica visível uma relação hierárquica dentro da própria comunidade que se reproduz no Cartas na Mesa onde os homens gays ocupam a posição mais privilegiada nesse círculo e as travestis se veem representadas apenas por olhares e discursos externos a elas, aparecendo muitas vezes apenas para reforçar estereótipos negativos ou para acrescentar no debate a respeito da ideia de masculinidade e feminilidade do homem homossexual

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se iniciou com o intuito de compreender melhor como se dava a busca por identidade e representação por parte da comunidade homossexual no Brasil em um contexto ditatorial a partir da leitura de discursos produzidos por membros dessa comunidade. Contudo, a análise das fontes produziu respostas que extrapolaram os questionamentos iniciais proporcionando uma maior compreensão a respeito das relações internas da comunidade homossexual e como isso influenciou essa busca por espaço, representação e identidade.

A primeira questão que se destaca ao final deste trabalho é a percepção de que a busca por representação e a apropriação de espaços sociais pelos membros da comunidade homossexual ocorrem das formas mais variadas, dando origem a discursos tão plurais quanto as realidades vividas por gays, lésbicas e travestis no Brasil. As cartas que chegam a ser publicadas pelo Lampião da Esquina em seu primeiro ano não demonstram um interesse muito grande de seus leitores em discutir de forma aberta e constante a respeito do governo brasileiro da época ou dos movimentos de esquerda, salvo algumas exceções, limitando-se a comentários mais rápidos, indiretas e algumas cobranças sobre os posicionamentos do conselho editorial do periódico. Neste sentido, a predominância fica por conta de discussões a respeito da própria comunidade, assim como seus anseios e debates sobre papéis, espaços e identidades

O entusiasmo com o qual o Lampião foi recebido demonstra o interesse da comunidade por espaços de comunicação voltados para suas realidades, assim como sua disposição em ocupar os mesmos. Contudo, fica evidente, também, a desigualdade com a qual essa apropriação acontece realçando as relações hierárquicas formadas dentro da própria comunidade homossexual e destacando as posições sociais que gays, lésbicas e travestis habitam dentro desta relação, o que resulta em espaços de representação completamente diferentes dentro do Cartas na Mesa

A partir da leitura dos discursos produzidos por homens gays, sendo este o grupo que ocupa mais espaço dentre as publicações do Cartas Na Mesa, percebe-se que a comunidade não busca apenas por espaços onde são representados, mas procuram locais onde possam construir debates a respeito de como essa representação vai acontecer, assim como se apropriar de tais espaços a fim de se colocar como agentes de suas realidades capazes de levantar discussões a respeito de suas identidades. O debate a respeito da imagem e identidade do homem gay também demonstra como raízes de discursos machistas e heteronormativos expressam seus efeitos dentro da comunidade

homossexual ao colocar em pauta, aplicando juízo de valor, as performances da masculinidade e da feminilidade entre os homens gays, apresentando algumas falas que defendem a superioridade do masculino dentro da comunidade

A ocupação das páginas da seção Cartas na Mesa pela comunidade lésbica acontece de uma forma completamente diferente do público masculino. A participação feminina, majoritariamente, está atrelada à tentativa de conquistar um espaço dentro do jornal, seja dentro do conselho editorial, seja dentro dos temas abordados pelas reportagens publicadas. A questão que se sobressai é que a ausência da mulher no projeto desde o início acarreta na falta de debates a respeito da lesbianidade e de sua identidade dentro da comunidade. Enquanto os homens estão ocupando os espaços de convivência e discutindo suas realidades dentro do jornal, as mulheres seguem questionando a ausência da homossexualidade feminina das páginas do Lampião, sendo obrigadas a apontar os comportamentos paternalistas e machistas dentro do periódico em vez de encontrar formas de melhor aproveitar um espaço que, em teoria, já deveria ser seu. Essa diferenciação acaba sendo um reflexo das relações de poder que tomam conta da sociedade que vão além da comunidade homossexual, colocando a mulher em posição inferior ao homem, assim como da história do movimento lésbico que carrega um histórico de luta por espaço dentro e fora da comunidade.

Essa diferença se torna mais visível ainda quando percebemos que a travestilidade é representada no Cartas na Mesa apenas pela ausência: Não há cartas assinadas por leitoras que se identificam como travestis; não há debates a respeito da imagem, identidade ou sobre como a travestilidade é representada no jornal e não há discursos de reivindicação de um espaço travesti dentro do Lampião. O único momento em que essa parcela da comunidade aparece nas cartas é através do reforço de discursos pejorativos e estereotipados utilizados nos debates sobre a imagem do homem gay e seu comportamento perante a sociedade ou como parte de um aglomerado de pessoas sem nome ou representação que sofrem por fazerem parte da comunidade homossexual.

O Lampião da esquina como jornal não exclui a travestilidade de suas reportagens, chegando a colocar esse tema em suas capas, contudo, a ausência dessas travestis na área de comunicação do periódico demonstra uma limitação do alcance do jornal. Enquanto suas realidades chegam a aparecer pelas páginas do periódico, as travestis não conseguem se colocar como sujeitos dessa realidade e de suas histórias, o que aponta para um reflexo do nível elevado de perseguição sofrido por essas pessoas por conta de uma performance identitária feminina que não permite uma fácil mescla com os padrões da sociedade, levando-as cada vez mais para a segregação e a

marginalização. Sobre essa ausência pesa as especificidades do contexto social e político das travestis, assim como tendências elitistas presentes dentro do *Lampião da Esquina*

Enfim, a análise das cartas publicadas no primeiro ano do *Lampião da Esquina* permitiu não só perceber que a comunidade homossexual brasileira do final da década de 1970 abraçava oportunidades de discutir sobre suas identidades e representações, como também esses debates aconteciam das mais variadas formas e, dentro da medida do possível, superavam os atos de repressão comuns a época. Demonstra, também, que, como parte da sociedade, a comunidade homossexual reproduz e reforça preconceitos e acaba por gerar suas próprias divisas internas que marcam o alcance de seus discursos e debates. Neste sentido, as relações apresentadas pelas cartas, seja através da presença ou da ausência, apontam para uma comunidade com contextos plurais e que buscam desenvolver cada vez mais as suas identidades, levando em consideração suas particularidades, assim como ocupar seus espaços como sujeitos responsáveis por suas histórias.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Bibliografia

- CAVA, J. B. . (2021). *Na escuridão da censura, surgiu uma luz: Lâmpião da Esquina e a imprensa alternativa (1978-1981)*. Humanidades em diálogo, 10, 149-162.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988
- BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é? sobre quando Lâmpião da Esquina colocou as cartas na mesa*. 2006. 129 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006
- BRITO, Alexandre Magno Maciel Costa e. *O lâmpião da esquina: uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981)*. 2016. 137 f., il. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016
- FACCHINI, Regina; SIMÕES, Júlio Assis. *Na Trilha do Arco Íris: Do movimento Homossexual ao LGBT*. 1 ed. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2009
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: A construção histórica da homossexualidade no Brasil. In _____. (Org.). *Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982. p. 87 - 112
- GREEN, James N. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Unesp, 1999
- GREEN, James N.; POLITO, Ronald. *Frescos Trópicos: Fontes sobre homossexualidade masculina no Brasil (1870-1970)*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2006
- GREEN, James N. *Nem todos os caminhos levam a Nova York*. Revista Cult [S.I.], 2019. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/stonewall-america-latina/>>
- GALLAS, Ana Kelma Cunha; OLIVEIRA, Yakowenko Guerra de. O surgimento da imprensa alternativa gay no Brasil. *II Encontro nordeste de história da mídia: Identidade, memória e convergência midiática*. Piauí, 2012

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro. Editora PUC-Rio:Apicuri, 2016

PESAVENTO, Sanda Jatahy. Cultura e Representação, uma trajetória. *Anos 90*, Porto Alegre, v.13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006

QUINALHA, Renan Honório. *Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. 2017. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais. Universidade de São Paulo, SP, 2017

QUINALHA, Renan Honório. *O mito Fundador*. Revista Cult [S.I.], 2019. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-mito-fundador-de-stonewall/>>

SCHULTZ, Leonardo; BARROS, Patrícia M. de. O Lampião da Esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970. In: *ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA*, 8., 2011, Guarapuava. Anais... Guarapuava: Unicentro, 2011. pp. 01-15

SOUZA, Rafael de. *"Saindo do gueto": o Movimento Homossexual no Brasil da abertura, 1978-1982*. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013

Fontes

Lampião da Esquina, edição experimental – nº0. Rio de Janeiro, abril de 1978. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

Lampião da Esquina, Ano I – nº1. Rio de Janeiro, 25 de maio a 25 de junho de 1978. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

Lampião da Esquina, Ano I – nº2. Rio de Janeiro, 25 de junho a 25 de julho de 1978. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

Lampião da Esquina, Ano I – nº3. Rio de Janeiro, 25 de julho a 25 de agosto de 1978. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

Lampião da Esquina, Ano I – nº4. Rio de Janeiro, 25 de agosto a 25 de setembro de 1978. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

Lampião da Esquina, Ano I – nº5. Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1978. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

Lampião da Esquina, Ano I – nº6. Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1978. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

Lampião da Esquina, Ano I – nº7. Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1978. Disponível em:
<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

Lampião da Esquina, Ano I – nº8. Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1979. Disponível em:
<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

Lampião da Esquina, Ano I – nº9. Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1979. Disponível em:
<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

Lampião da Esquina, Ano I – nº10. Rio de Janeiro, 25 de março de 1979. Disponível em:
<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

Lampião da Esquina, Ano I – nº11. Rio de Janeiro, 25 de abril de 1979. Disponível em:
<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

Lampião da Esquina, Ano I – nº12. Rio de Janeiro, 25 de maio de 1979. Disponível em:
<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>